



VIOLÊNCIA

Dados do 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que todos os índices cresceram no país, quando se trata do gênero feminino, mesmo com intensa campanha de enfrentamento. Especialistas explicam a razão para isso

Crimes contra mulher aumentam no Brasil

» MAYARA SOUTO
» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

No Brasil, a violência parece ter destinatário recorrente: as mulheres. Ameaça, agressão, feminicídio e outros crimes contra as brasileiras registraram aumento no último ano. A cada seis minutos, por exemplo, foi registrado um caso de estupro — 6% a mais em relação a 2022. As estatísticas, que evidenciam as mazelas sociais, estão no 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado ontem.

Os dados mostram que a violência sexual aumenta desde 2020 — quando eram 63 mil casos. Em 2023, foram 84 mil ocorrências. Considerando a série histórica da pesquisa, entre 2011 e 2023, o número de estupros cresceu 91%. Entre as vítimas desse crime, 88% são do sexo feminino e 62% são meninas menores de 13 anos.

Vitória Diniz, especialista em direito penal com ênfase em Violência de

Gênero e Proteção de Crianças e Adolescentes, entende que a persistência da violência contra mulher pode ser atribuída a fatores complexos e multifacetados. “Juridicamente, a persistência e o crescimento desses crimes refletem falhas estruturais na aplicação e na efetividade das leis de proteção às mulheres e crianças. A cultura patriarcal e machista, profundamente enraizada na sociedade brasileira, contribui para a normalização da violência de gênero e para a perpetuação de comportamentos abusivos”, explica Diniz.

As mulheres não estão seguras nem dentro de casa. A pesquisa mostra que 62% dos estupros e 64% dos feminicídios ocorrem nas residências. Na maioria das vezes (63%), os assassinatos foram cometidos pelos parceiros das vítimas ou ex-parceiro (21%). Em 13% dos 1.467 feminicídios ocorridos em 2023, as mulheres já tinham uma medida protetiva de urgência ativa quando foram mortas.

Para Marina Bohnenberger, pesquisadora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o crescente número de feminicídios pode ser explicado pela “teoria do backlash” — ela supõe que a rejeição pública a um tipo de decisão judicial (como o feminicídio) ocasiona ainda mais ações violentas. “Quando minorias começam a se empoderar, a visibilidade sobre o tipo de violência aumenta. No entanto, as pessoas que exercem poder sobre elas ficam insatisfeitas com esse empoderamento. É como uma violência de retorno para reafirmar a vulnerabilidade desses grupos violentados”, explica Bohnenberger. Ela também coloca como grupo vulnerável as mulheres negras — que representam 52% das mulheres estupradas e 64% das vítimas de feminicídio.

Mais vulneráveis

As meninas fazem parte do grupo mais agredido no Brasil. Os dados

mostram que 76% das vítimas de violência sexual são vulneráveis (menores de 14 anos) e que, nesses casos, 64% dos agressores são familiares e 22%, conhecidos da família. O local mais perigoso para as crianças, segundo o estudo, é a própria casa (65%).

Entre os menores, a faixa etária em que mais ocorre o crime é de 10 a 13 anos (32%), seguido de 5 a 9 anos (18%) e de 0 a 4 anos (11%). O documento trata como “chocante” a última faixa de idade, que atinge bebês, e chega a 68,7 casos por 100 mil habitantes — valor que é quase o dobro da média nacional de estupros, de 41,4 casos/100 mil habitantes.

“O crescimento alarmante dos estupros de vulnerável pode ser explicado por vários fatores, incluindo a maior exposição das crianças à pornografia na internet e a exploração sexual infantil. A legislação brasileira, especialmente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990, prevê proteção

especial para crianças e adolescentes, mas sua aplicação é, frequentemente, insuficiente”, comenta Diniz.

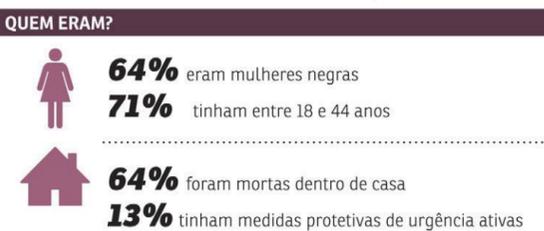
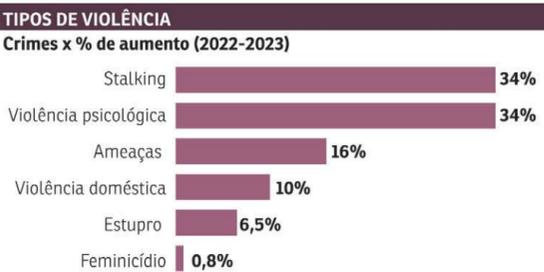
Os crimes digitais também representam grande fatia dessas estatísticas. O número de stalking (perseguição por qualquer meio) subiu 34,5%, com 77 mil registros. As ameaças registraram 779 mil casos, um aumento de 16,5%. Já as violências psicológicas cresceram 34%, com um total de 38 mil registros.

Diniz argumenta que esse tipo de crime pode estar relacionado à cultura do ódio, comum nas redes sociais. “O aumento das violências psicológicas, como stalking e ameaças, pode ser atribuído ao avanço da tecnologia e à cultura do ódio e da intolerância. As redes sociais e a internet facilitam o cyberbullying e outras formas de violência psicológica, muitas vezes de forma anônima e com grande alcance”, alega.

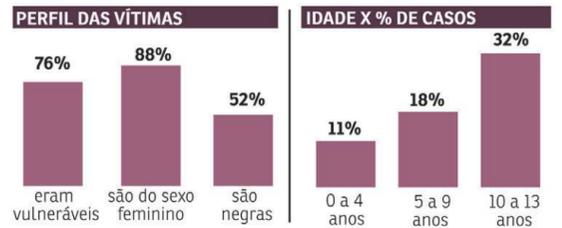
(LEIA SOBRE VIOLÊNCIA NO DF NA PÁGINA 15)

Violência tem gênero

Em 2023, todas as modalidades de violência contra as mulheres registraram aumento, incluindo os feminicídios. A maioria das vítimas são meninas negras e em vários casos, os crimes acontecem dentro de casa.

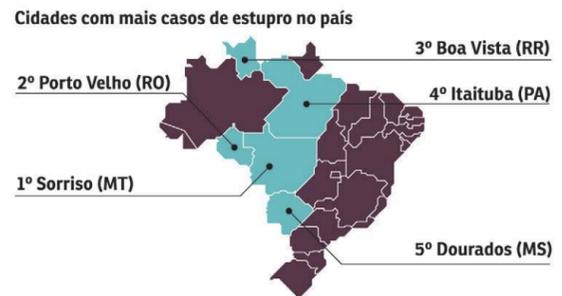


1 estupro ocorre a cada **6 minutos**



ONDE OCORRE A VIOLÊNCIA SEXUAL

Locais	Estupro (+14 anos)	Estupro de vulnerável (0 a 13 anos)
Residência	52%	65%
Via Pública	20%	11%
Área Rural	2%	2%
Sítio e Fazenda	1%	1%
Estabelecimento comercial ou financeiro	4%	1%
Hospital	1%	1%
Outros	19%	18%



Menos mortes violentas e roubos, diz relatório

Em contraponto ao grave cenário das mulheres no Brasil, alguns crimes apresentaram queda no último ano. O número de homicídios dolosos, quando há intenção de matar, caiu de 40 mil para 38 mil entre 2022 e 2023. Já o de latrocínio diminuiu de 1.243 para 981 e o de lesão corporal seguida de morte caiu de 619 para 613, no mesmo período. As informações constam do 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado ontem.

Ainda segundo o levantamento, as mortes violentas intencionais tiveram uma redução de 3,4% por 100

mil habitantes em 2023, em relação ao ano anterior. Em valor absoluto, foram 46 mil mortes violentas, o que representa 23 mortes/100 mil habitantes. Apesar da queda, o número de óbitos ainda é exorbitante — é 19% maior do que a regional da América Latina e Caribe e quase quatro vezes maior do que a taxa mundial de homicídios (5,8/100 mil habitantes).

“No Brasil vivem aproximadamente 3% da população mundial. Mas o país, sozinho, responde por cerca de 10% de todos os homicídios cometidos no planeta. Dito de outra forma, os níveis

de violência letal no Brasil estão longe de serem considerados adequados e/ou condizentes com padrões mínimos de desenvolvimento humano e social”, aponta o anuário.

Celulares

Quase um milhão de celulares foram roubados ou furtados no Brasil em 2023. A cada 33 segundos, um celular era subtraído no país no ano passado. Os roubos, quando a pessoa é ameaçada para entregar o aparelho, costumam ocorrer com mais

frequência durante as saídas e voltas de casa — entre 5h e 7h, e 18h e 22h. E em 78% das vezes são registrados em vias públicas em dias úteis.

Já os furtos, quando um item é subtraído sem que a vítima veja, são registrados em horários medianos (das 10h às 15h e das 15h às 20h) e 35% deles ocorrem nos fins de semana. Em 44% das vezes acontecem em vias públicas e 14% delas, em estabelecimentos comerciais e financeiros.

***Estagiária sob supervisão de Edla Lula**

Estatística

As 10 cidades com maior nº de roubos de celulares (por 100 mil habitantes):

Manaus (AM)	2.096
Teresina (PI)	1.866
São Paulo (SP)	1.782
Salvador (BA)	1.717
Lauro de Freitas (BA)	1.696
Belém (PA)	1.643
Macapá (AP)	1.426
Olinda (PE)	1.424
Ananindeua (PA)	1.401
Recife (PE)	1.293

Fonte: 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública